

Discurso e gênero: uma análise da representação da mulher em cartaz da propaganda nazista

Discourse and Gender: An Analysis of the Representation of Women in Nazi Propaganda Poster

Luciano Taveira de Azevedo¹

Resumo: Neste artigo, analisamos um cartaz da propaganda nazista que produz um gesto de interpretação sobre a seção da Juventude Hitlerista voltada para as moças. Essa seção ficou conhecida como *Bund Deutscher Mädel*. O cartaz foi produzido por designer ligado ao ministério da propaganda do Terceiro Reich que se encontrava sob a liderança de Joseph Goebbels. A fim de produzir o gesto de leitura do cartaz, mobilizamos o arcabouço teórico da Análise de Discurso, conforme pensado por Michel Pêcheux na França e relido por Eni Orlandi e Freda Indursky no Brasil. Nesse gesto de leitura, procuramos compreender como a materialidade discursiva, qual seja, o cartaz, funciona discursivamente e produz sentidos sobre os papéis público e privado das mulheres na Alemanha nazista. Assim, a análise permitiu entender o modo como os sentidos são produzidos em sua relação constitutiva com uma rede de memória que emerge nos discursos que significam o corpo, a sexualidade e o papel social da mulher no interior do regime nazista.

Palavras-chave: Discurso. Mulher. Propaganda. Nazismo. Juventude Hitlerista

Abstract: In this article, we analyze a Nazi propaganda poster that produces an interpretive gesture regarding the section of the Hitler Youth dedicated to girls. This section was known as the *Bund Deutscher Mädel* (League of German Girls). The poster was designed by an artist affiliated with the Third Reich's Ministry of Propaganda, led by Joseph Goebbels. To conduct our reading of the poster, we employ the theoretical framework of Discourse Analysis, as developed by Michel Pêcheux in France and reinterpreted by Eni Orlandi and Freda Indursky in Brazil. Through this interpretive approach, we seek to understand how the discursive materiality—that is, the poster—functions discursively and produces meanings about the public and private roles of women in Nazi Germany. Thus, the analysis allows us to grasp how meanings are produced in their constitutive relationship with a network of memory that emerges in discourses signifying the body, sexuality, and the social role of women within the Nazi regime.

Keywords: Discourse. Woman. Propaganda. Nazism. Hitler Youth.

¹ Professor do Instituto Federal de Alagoas, campus Palmeira dos Índios, Maceió, Alagoas, Brasil. Endereço eletrônico: lucianoazevedo7@gmail.com.

Introdução

A propaganda sobre a juventude veiculada durante a vigência do Terceiro Reich visava disseminar a concepção de mundo do *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* (doravante, NSDAP) a partir da circulação diária de uma ideologia que versava sobre nacionalismo, antissemitismo e supremacia racial.

A compreensão da complexidade que caracteriza os acontecimentos que se deram na Alemanha sob a direção dos nazistas passa não só pela análise política, social e histórica, mas também discursiva. Ou seja, a compreensão desse intrincado movimento político e das suas ações também passa pela análise da linguagem que, indubitavelmente, foi um elemento fundamental no processo de assujeitamento dos indivíduos pela ideologia materializada no discurso. Assim, a agenda programática, a concepção de sociedade, as diretrizes governamentais e a perspectiva ideológica do Nacional-Socialismo foram materializadas e disseminadas por meio dos veículos de propaganda, como ensaios, filmes, livros, cartazes etc, de maneira que os nazistas construíram uma máquina de convencimento que não agia apenas pela violência, mas também pelo discurso. Mais que outros mecanismos de manipulação, a propaganda nazista foi a que produziu os resultados mais positivos no que diz respeito ao convencimento para conquistar a adesão do povo alemão ao projeto imperialista e racial do Terceiro Reich.

O *Reichsministerium für Volksaufklärung und Propaganda*, liderado por Joseph Goebbels, também se ocupou da *Hitlerjugend* (doravante, JH), organização fundada em 1926 pelo NSDAP sob a coordenação de Kurt Gruber. Quando de sua fundação, a JH contava com apenas 6 mil jovens. Em 1929, ano em que foi considerada como grupo jovem oficial do partido nazista, esse número passou para 13 mil integrantes. A ala feminina da JH (*Bund Deutscher Mädel*) foi fundada em 1930 e isso fez com que aquele número de 13 mil integrantes chegasse a 26 mil. No ano seguinte, Baldur von Schirach assume a liderança da JH e a organização chega a 63.700 membros. No ano anterior à chegada de Hitler ao poder, ou seja, em 1932, a JH tinha expressivos 99.586 integrantes. Durante os anos de 1930, o regime nazista aboliu todas as organizações juvenis, de maneira que apenas a JH funcionava na Alemanha sob o domínio exclusivo do NSDAP (Evans, 2017, p. 530-547).

A compreensão da JH no que diz respeito à disposição dos jovens ao sacrifício em nome do *Führer* e do *Reich*, bem como à adesão irrestrita dos jovens ao movimento

nazista, passa, como falado acima, pela compreensão do funcionamento discursivo dos cartazes produzidos pela máquina de propaganda e dos sentidos acerca da juventude que essa propaganda coloca em circulação na Alemanha liderada por Adolf Hitler. Neste artigo, a análise do funcionamento discursivo do cartaz – que anuncia a entrada da *Bund Deutscher Mädel* (daqui em diante, BdM) na JH – se encontra apoiada nas noções e dispositivos desenvolvidos no campo da Análise do Discurso (doravante, AD), tais como pensados por Michel Pêcheux, Eni Orlandi e Freda Indursky. Assim, a concepção de história, sujeito e ideologia que adotamos é aquela concebida no interior dessa perspectiva e desenvolvida nos trabalhos desses autores. O dispositivo de análise foi construído a partir das reflexões dos referidos autores sobre formação imaginária (FI), condições de produção (CP), formação discursiva (FD), pré-construído, memória discursiva e interdiscurso. Esses dispositivos teóricos foram mobilizados na seleção do cartaz, bem como no manejo do gesto de leitura da materialidade discursiva e dos efeitos de sentido produzidos pelo discurso que é posto em funcionamento. Esse movimento que relaciona, a um só tempo, teoria e metodologia, nos permitiu compreender o modo como o discurso da propaganda nazifascista, que representa e significa a juventude, funciona, assim como os efeitos de sentido que são produzidos na articulação entre memória e discurso. Ao compreender como o discurso da propaganda se constitui e circula na sociedade alemã, também é possível depreender o modo de constituição das subjetividades no interior do Terceiro Reich.

Fundamentação teórica

As noções e dispositivos teóricos que fundamentaram a análise do cartaz político sobre a BdM se encontram, como já mencionado, ancorados na AD, cujo arcabouço teórico foi construído por Michel Pêcheux na França e relido por Eni Orlandi e Freda Indursky no Brasil. Releituras e acréscimos feitos pelas autoras no interior do processo de desterritorialização dos pressupostos teóricos da AD, permitiram ampliar o escopo teórico da disciplina, bem como os objetos submetidos à análise que, na contemporaneidade, não se restringem mais ao discurso político.

Assim, partimos desse lugar teórico para apresentar a definição de discurso. O discurso, como objeto da AD, não é mensurável nem observável, mas é possível descrever a regularidade do processo discursivo materializado na língua. Nesse sentido, importa a Pêcheux analisar a língua em seu aspecto material, porque inscrita na história, e não como entidade abstrata e imutável. Esse pensamento foi traduzido nas palavras de Orlandi (1996, p. 45, grifo da autora) da seguinte forma:

Em nosso caso, no estudo da semântica discursiva, o que nos interessa é a ordem da língua, enquanto sistema significante material, e a da história, enquanto materialidade simbólica. Reconhecemos, desse modo, uma relação entre duas ordens: a da língua, tal como a enunciamos, e a do mundo para o homem, sob o modo da ordem institucional (social) tomada pela história. O lugar de observação é a *ordem do discurso*.

O discurso tem sua ordem, funcionamento e regularidades próprias e, por isso, é possível, ao mobilizar um gesto de leitura por meio de dispositivos de análise, interpretar os modos de significar do texto. Se a Ferdinand de Saussure, considerado o pai da Linguística Moderna, interessava a análise dos aspectos fonéticos e morfológicos de uma língua, a Pêcheux, diferentemente, interessava esses aspectos referidos aos processos discursivos que possibilitaram o aparecimento de um determinado enunciado. Isso implica relacionar a língua à exterioridade que produz coerções ao processo enunciativo, pois só assim é possível falar em incompletude, deslize semântico e opacidade na língua. Comentando sobre a importância de considerar as condições de produção na análise de uma frase, Pêcheux assim se expressa ([1969] 2019, p. 30, grifos do autor):

Isso significa que nem sempre se pode dizer da frase que ela é normal ou anômala apenas por sua referência a uma norma universal inscrita na língua, mas sim que esta frase deve ser referida ao mecanismo discursivo específico que a tornou possível e necessária em um contexto científico dado.

O sentido de uma frase, na perspectiva da AD, é produzido na relação que essa frase estabelece com o seu exterior constitutivo e, por isso, se diz que o discurso é um efeito de sentido entre locutores (Orlandi, 1999, p. 21).

Outra noção teórica basilar mobilizada pela AD para pensar o discurso é a noção de sujeito. A concepção de sujeito construída por Michel Pêcheux – ao longo da elaboração do

seu trabalho teórico - encontra-se ancorada no contexto intelectual francês dos anos 1960. Nesse contexto, proeminentes pensadores como Michel Foucault, Jacques Derrida, Jacques Lacan e Louis Althusser propõem uma revisão da concepção de indivíduo pensante tal como estabelecida por René Descartes e, posteriormente, assumida nas Ciências Humanas. A uma concepção biologizante e psicológica de sujeito do conhecimento, ou seja, que entende esse sujeito como aquele que confere uma unidade ao saber científico, esses autores vão propor uma nova leitura do sujeito do conhecimento que se desloca dessa concepção biologizante e psicológica para uma concepção de sujeito como uma função dentre outras, ou seja, descentrado, clivado e interpelado pela ideologia.

A concepção de sujeito que subjaz à teoria do discurso é deslocada de uma concepção de sujeito como uma unidade para outra que entende o sujeito em sua dispersão. Nesse momento, a concepção de sujeito que se desenha é referida às formações discursivas, noção cunhada por Michel Foucault e pensada em sua disjunção, ou seja, não se constituindo de elementos ligados entre si por um princípio de unidade. Desse modo, se as FDs não formam uma unidade, tampouco o sujeito pode ser entendido como unitário, mas, ao contrário, disperso e constituído por diferentes posições que podem ser ocupadas por diferentes sujeitos no interior do processo discursivo. Nesse sentido, Pêcheux vai pensar o sujeito em termos de posições que são ocupadas pelo enunciador ao se inscrever em diferentes FDs que o interpelam ideologicamente em sujeito do seu discurso. Acerca disso, Pêcheux ([1983] 2014, p. 310, grifo do autor) assevera que

a noção de formação discursiva tomada de empréstimo a Michel Foucault, começa a fazer explodir a máquina estrutural fechada na medida em que o dispositivo da FD está em relação paradoxal com o seu “exterior”: uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente “invadido” por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais (por exemplo sobre a forma de “preconstruídos” e de “discursos transversos”).

A identificação do sujeito com a FD que o assujeita não é plena nem estanque, posto que, uma vez invadida por elementos que vêm de outras FDs, o sujeito, identificando-se com essas outras FDs, se deslocaria para outras posições ao longo do processo discursivo. Desse modo, o sujeito é entendido como uma função e o sentido das suas palavras advém da(s) FD(s) na(s) qual(is) se inscreve para produzir o seu discurso.

Uma terceira noção fundamental para entendermos a concepção de discurso proposta pela AD é a de ideologia. A concepção de ideologia em Pêcheux, a partir da releitura que faz de Louis Althusser, permite pensar, no âmbito de uma teoria do discurso, a ideologia em relação à língua(gem), questionando a ideia de língua como transparente e concebendo a produção de linguagem em sua materialidade e opacidade. Ao produzir esse deslocamento, Pêcheux se afasta de uma concepção de ideologia como má consciência ou visão de mundo e se aproxima de uma concepção que entende a ideologia, uma vez materializada na língua(gem), funcionando e produzindo efeitos na história porque inscrita nos discursos que circulam nas diferentes regiões dos aparelhos ideológicos de Estado (Jurídico, Igreja, Escola etc). O efeito de transparência da língua(gem) é resultado do processo ideológico que produz a ilusão de que existe uma relação termo a termo entre língua e mundo, fazendo crer que o sentido se encontra inextricavelmente ligado à palavra. Nessa direção, Orlandi (2001, p. 46) afirma que

por esse mecanismo – ideológico – de apagamento da interpretação, há transposição de formas materiais em outras, construindo-se transparências como se a linguagem e a história não tivessem sua espessura, sua opacidade – para serem interpretadas por determinações históricas que se apresentam como imutáveis, naturalizadas. Este é o trabalho da ideologia: produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência.

Ao analista de discurso, cabe entender o efeito da ideologia no funcionamento da linguagem – a partir da mobilização do dispositivo teórico-analítico da AD – e desnaturalizar os sentidos dos textos, de modo a fazer emergir sentidos que não estão postos, mas que igualmente sustentam a significação.

O dispositivo de análise foi construído a partir das reflexões dos referidos autores sobre condições de produção (CP), formação discursiva (FD), pré-construído e interdiscurso. Nesse sentido, entendemos por FI aquelas imagens que os sujeitos – em interação discursiva – constroem dos lugares sociais de onde cada um enuncia (Pêcheux, [1969] 2019); ao passo que as condições de produção são constituídas por essas imagens, mas também pelo contexto mediato e imediato no qual se dá a interação (Orlandi, 2001). As FDs correspondem ao que, numa determinada formação social e, de um determinado lugar social, o sujeito pode e deve enunciar (Pêcheux, [1975] 2014), de maneira que há

enunciados que não são permitidos ao sujeito enunciá-los a partir de determinados lugares sociais. Entendemos, por pré-construído, as crenças e hábitos que constituem uma sociedade e a fazem funcionar de um determinado modo (Pêucheux, [1975] 2014) e, por interdiscurso, a memória discursiva que constitui o sujeito e que atravessa seu discurso quando da sua formulação na história (Orlandi, 2001). Desse modo, aqueles enunciados que foram objetos de enunciação retornam no discurso do sujeito por meio de uma operação de encaixe sintático que permite que elementos vindos de outros enunciados passem a funcionar no interior do discurso do sujeito; no entanto, “esse encaixamento, em lugar de assim ser percebido, produz o efeito de ter sido formulado no seu discurso” (Indursky, 2011, p. 69), ou seja, no discurso produzido pelo sujeito em dadas condições de produção. Um dos modos de encaixe do discurso-outro no discurso do sujeito é o discurso transversal. Por discurso transversal, entende-se um modo de funcionamento da memória que “classicamente, é designado por metonímia, enquanto relação da parte com o todo, da causa com o efeito, do sintoma com o que ele designa etc.” (Pêucheux, [1975], 2014, p. 153). Nesse modo de funcionamento, reitera-se o processo de repetibilidade no qual um discurso é margeado por outros discursos, conforme afirma Indursky (2011, p. 70): “o discurso-outro entra de viés no discurso do sujeito, tangenciando-o e nele fazendo eco de algo que foi dito em outro lugar”. De acordo com essas considerações, entendemos que todo discurso se relaciona – ou se sustenta – em outro(s) discurso(s), via interdiscurso, que é o “todo complexo com dominante das formações discursivas” (Pêucheux, 2014 [1975], p. 149).

Procedimentos metodológicos

Ao discorrer sobre os procedimentos metodológicos da pesquisa em AD, Orlandi (2001, p. 65) afirma que o primeiro movimento procedimental que dá início à análise reside na passagem fundamental da superfície linguística ao objeto discursivo. Nesse primeiro movimento, o analista concede ao *corpus* um primeiro tratamento, ainda de caráter superficial, mas de extrema importância à dessuperficialização do material de linguagem em seu estado bruto. No livro *A fala dos quartéis e as outras vozes*, ao discorrer sobre o

corpus da sua pesquisa, Indursky (2013, p. 47) se refere a essa etapa da análise nos seguintes termos:

Impõe-se, inicialmente, uma reflexão que distinga o *corpus* empírico, constituído pela totalidade de alocuções presidenciais efetivamente realizadas durante a República Militar Brasileira, e o *corpus* discursivo, que será o objeto sobre o qual incidirão nossas análises.

Ao assim proceder, o analista dá início à construção de um observatório que viabilizará as condições de possibilidade da análise que, por sua vez, requer do analista uma tomada de posição no que diz respeito ao que da totalidade de enunciados sobre o tema em questão fica para ser analisado. No caso particular da nossa pesquisa, o *corpus* empírico compreende um cartaz produzido pelo *Propagandaministerium* do Reich que retrata a entrada da BdM na JH, bem como discursos produzidos por Adolf Hitler e Joseph Goebbels, capas das revistas *Frauen Warte* e *SS-Leitheft* e um cartaz do filme *Der blauen Engel*. Desse *corpus* empírico, delimitamos as sequências discursivas feitas de linguagem verbal e não verbal que passaram a constituir o recorte discursivo a ser efetivamente analisado. Essa noção de recorte, proposta por Orlandi (2001, p. 64), diz respeito às unidades discursivas que são feitas de fragmentos correlacionados de linguagem e situação. Assim, um recorte é um fragmento da situação discursiva e a análise recai sobre a seleção dessas unidades retiradas do *corpus*.

Em relação à quantidade de textos a serem analisados, Indursky (1997, p. 48) vai ao encontro de uma perspectiva que não visa a exaustividade horizontal da análise, mas a exaustividade vertical que tem a ver com a profundidade da análise. Seguindo esse procedimento, elegemos, após a leitura flutuante de um *corpus* empírico maior, o cartaz que viabilizaria a análise das relações interdiscursivas que um determinado discurso entretém com discursos efetivamente produzidos em outros lugares de enunciação. Esse cartaz representa a ala feminina da JH que foi chamada de *Bund Deutscher Mädel*, de maneira que o seu conteúdo propagandístico se dirige às jovens alemãs que tinham entre 14 e 18 anos.

Análise

A estrutura e a oferta de atividades da JH seguiam o modelo do escotismo e, a princípio, a organização possibilitava aos jovens a participação em atividades que fomentavam o companheirismo e a amizade. No caso dos meninos, havia oferta de atividade física, participação em acampamentos, disputas entre grupos, marchas militares etc. E, no das meninas, além da amizade, companheirismo e disciplina, havia uma formação voltada ao lar, à família e à maternidade. Em ambas, o princípio de liderança e a assimilação da ideologia nazista eram objetivos considerados essenciais para a construção do Reich. A liderança não era exercida por adultos, mas por outro jovem – ou até mesmo uma criança –, porque Hitler acreditava que ninguém melhor que um jovem para liderar e convencer outros jovens. Bartolleti (2006, p. 31) assim comenta sobre a organização da JH:

Os nazistas sabiam do que as crianças gostavam – uniformes, bandeiras, bandas de música, distintivos, armas e histórias de heróis – e ofereciam tudo isso em quantidade. Organizaram a JH como se fosse um exército completo, até com regimentos. Um menino podia começar como Pimpf (menino) para liderar um esquadrão, pelotão, companhia, batalhão e até um regimento. A menina podia começar como Mädels (menina) até se tornar uma líder da ala feminina da JH.

Para meninos e meninas que, em suas famílias, não passavam de crianças ou adolescentes que não eram ouvidos ou levados a sério pelos pais, entrar para a JH significava a possibilidade de ter suas habilidades valorizadas e uma perspectiva de futuro num país assolado pelo desemprego e a miséria. Com o passar do tempo, aquilo que era apenas um exercício físico para se manter saudável e com bom condicionamento, passou a treinamentos militares extenuantes nos quais os fracos sofriam todo tipo de humilhação. Os meninos da JH não faziam ideia, mas o partido nazista estava preparando-os para a guerra que teve início em 1939 com a invasão da Polônia.

Os desfiles e encontros da JH eram um verdadeiro espetáculo, porque contavam com a participação de milhares de jovens que marchavam, em termos estéticos, com total precisão e faziam movimentos simultâneos com seus estandartes e bandeiras do partido nazista. A saudação *Heil Hitler* era obrigatória e aquele que não fizesse poderia ser penalizado com prisão ou colocado sob suspeita. Os pais se orgulhavam quando viam os filhos passarem durante um desfile e os filhos se sentiam valorizados diante dos pais que

os observavam e aplaudiam entusiasticamente. Mas nem todos os pais concordavam com a entrada dos filhos na JH. Apesar da discordância, muitos jovens participavam na surdina ou declaravam guerra aos pais e iam mesmo contra a vontade deles.

Professores, pais e colegas instigavam os jovens à participação na JH e aqueles que não ingressavam tinham sérias dificuldades para concluir a formação escolar e encontrar emprego. A propaganda mostrava um lado muito idílico da JH e inculcava nos jovens a importância de salvar a nação alemã por meio do sacrifício e da lealdade à Pátria. Na entrada dos acampamentos, encontrava-se uma frase que resumia bem o que se esperava de um jovem alemão do Terceiro Reich: *Nascemos para morrer pela Pátria*. Esse propósito acabou se tornando uma bandeira a ser defendida e perseguida por milhares de jovens que, todos os dias, eram expostos, seja na escola, família ou na JH, à ideologia nazista.

Em revistas como *Die Fanfare*, bem como em outras revistas ilustradas que eram publicadas pela Juventude Hitlerista, como *Die HJ*, *Der Pimpf*, *Das deutsche Mädel* e *Jung Welt*, um número expressivo de cartazes foi publicado a fim de recrutar jovens para as diferentes organizações do movimento. Os cartazes eram divididos em seções específicas, de maneira que havia os que eram endereçados aos meninos e os voltados às meninas. O cartaz a ser analisado foi produzido por Ludwig Hohlwein, arquiteto que trabalhou no ramo até 1911, em Munique, mas deixou a profissão para trabalhar como designer de cartazes. Ele começa a exercer essa tarefa quando se muda para Berlim. Nacionalista convicto, Hohlwein se torna membro do partido nazista e passa a trabalhar com Goebbels. O cartaz foi produzido em 1934 e circulou numa Alemanha que passava por um processo de nazificação. Esse processo se intensifica após a morte do presidente Hindenburg e a ascensão de Hitler, mediante manobras políticas, à posição de *Führer*. Nesse mesmo ano, houve o expurgo sangrento dos comandantes da S.A., entre eles, Ernest Röhm, que era chefe do Estado Maior da S.A. O expurgo foi realizado por Hitler, Hermann Göring e Heinrich Himmler acompanhados da polícia pessoal de Göring (*Landespolizeigruppe*) e das S.S. O controle da imprensa, do rádio e do cinema, iniciado em 1933, se intensifica em 1934 e a circulação de vários jornais começa a decair à medida que eram entregues aos nazistas.

No Terceiro Reich, dada a retomada de uma visão de mundo anterior à República de Weimar, mais alinhada à tradição dos impérios que precederam a República, a mulher não

tinha participação na política e seu papel social ficou restrito ao lar, à procriação e à educação dos filhos. Para Lower (2014, p. 35),

o conformismo político era exigido das mulheres, e até das meninas. A doutrinação formal começava na idade de 10 anos. Em 1936, a adesão à ala de meninas da Juventude Hitlerista, a Liga das Meninas Alemãs (Bund deutscher Mädel, BdM) era compulsória.

No movimento jovem do partido nazista, as meninas recebiam uma educação que as treinava para a batalha no front doméstico que implicava, sobretudo, em contribuir com a construção do Reich mediante a tarefa de dar à luz a arianos puros e saudáveis. A vida da mulher alemã, de um modo geral, se restringia à cozinha, filhos e igreja, embora pudesse, via JH, fazer carreira no partido nazista. O fato de poder exercer outros papéis² não significava que deixaria de exercer aqueles que eram os papéis primordiais a serem exercidos por todas as mulheres do Reich: a procriação e os cuidados maternos e domésticos. E, mesmo que, porventura, viesse a ocupar outros espaços, estaria sempre numa condição subalterna aos homens que dirigiam o regime. A luta por igualdade entre homens e mulheres que vinha se desenvolvendo no interior da República de Weimar e que garantira, por exemplo, que mulheres ocupassem lugares no Reichstag, fora não apenas desestimulada pelo *Führer*, como proibida por meio de uma política de extinção das organizações feministas. Lower (2014, p. 36) nos informa que “quando os nazistas mandaram abolir o voto feminino, em 1933, as alemãs não fizeram nenhuma greve de fome. O inimigo delas não era o ‘macho opressor’; para muitas, ficou sendo ‘o judeu’, ‘o

² É importante entender que o papel da mulher na Alemanha dos séculos XIX e XX é bastante variável, cheio de nuances e peculiaridades. Não obstante, há algo que se mantém e que é da ordem da tradição, do patriarcado, e que vai de papéis quase inexpressivos durante o império, passando por lutas e reivindicações, bem como por conquista de direitos e maior presença no cenário cultural, político e econômico durante a República de Weimar e chegando a um retrocesso na participação política, cultural, educacional e econômica durante a era nazista. Apenas para citar como exemplo, durante o período imperial (século XIX), as mulheres recebiam formação profissional e trabalhavam nas fábricas até o casamento. Embora não fosse de bom tom que uma mulher continuasse trabalhando após o casamento, muitas mantinham, em segredo, atividades remuneradas. Durante o século XIX, muito se discutiu sobre o acesso à educação, pois acreditava-se que isso ia de encontro à natureza feminina que deveria ser talhada para assumir a família e a educação dos filhos. Sem acesso à educação, as mulheres tinham mais dificuldade em conseguir trabalhos qualificados que acabavam sendo assumidos pelos homens. Na República de Weimar (século XX), as mulheres, à luz da experiência que tiveram durante a Primeira Guerra Mundial, saíram em defesa dos seus direitos e maior participação popular. Conquistaram o direito ao voto, ocuparam cargos públicos, garantiram o acesso à educação, assumiram cadeiras no Reichstag etc. Contudo, recebiam proventos abaixo daqueles recebidos pelos homens, continuavam dependentes dos pais e maridos e os papéis sociais que passaram a exercer ainda não tinham a importância daqueles exercidos pelos homens.

bolchevique’ e ‘a feminista’”. É precisamente nessas condições de produção que emerge o discurso produzido no cartaz em questão.

No cartaz³, uma jovem ariana segura uma bandeira nazista e, ao que parece, outras bandeiras nazistas, atrás de si, tremulam ao vento. As cores da bandeira e a suástica apontam para sentidos como: o passado mítico, militar e imperial da Alemanha anterior à República de Weimar. Assim, sentidos que remontam a uma época em que o papel social das mulheres era considerado inferior, em relação ao dos homens, se insinuam no cartaz, posto que a imagem que o espelho do Terceiro Reich projeta é desse universo mitológico e militaresco correspondente ao passado alemão. E, nessa direção, sentidos sobre ser mulher, mãe e esposa são mobilizados no interior do funcionamento discursivo do cartaz que, como em toda produção propagandística do Reich, tem sua origem no interior do aparelho ideológico de Estado que é o *Reichsministerium für Volksaufklärung und Propaganda*. Acerca desse movimento que se efetua no processo discursivo, Indursky (2013, p. 57) atenta para o fato de que “a FD, contendo, no seu interior, redes de formulações, ao constituir seu saber próprio, constitui, no mesmo movimento, a memória discursiva”. Nessa repetição de sentidos que já circulam em outros lugares enunciativos que estruturam o Terceiro Reich, temos o efeito de memória que permite ao discurso em questão retomar sentidos e, desse modo, produzir a atualização do acontecimento.

Os sentidos da suástica deslizam e, mais que aqueles sentidos ligados à vitória, ao militarismo e ao poder, sobressaem outros, agora relacionados ao papel tradicional da mulher na sociedade alemã que é a relação sexual para fins de procriação. Conforme nos ensina Pêcheux ([1983] 2002, p. 53): “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro”. Esse sentido da suástica, mais ligado à sexualidade, sustenta sentidos sobre o papel preponderante da mulher no Terceiro Reich que é a procriação. Essa significação do corpo e da sexualidade feminina é construída por meio da difusão de uma propaganda que se destinava a trazer de volta as mulheres aos domínios privados de *Kinder, Küche, Kirche* – criança, cozinha, igreja (Lower, 2014, p. 42). Ao colocar a bandeira com a suástica na mão de uma mulher, o sujeito produz esse deslocamento na significação do significante, de maneira que o efeito de sentido não é mais sobre nacionalismo e

³ Cf. imagem em: https://www.imdb.com/de/title/tt1498851/mediaviewer/rm1099302912/?ref=tt_ov_i.

expansão territorial, mas sobre o lugar da mulher na sociedade alemã e sua função primordial: garantir a pureza do sangue e da raça ariana.

Nessas condições de produção, prepondera a suástica como símbolo, cujos sentidos, mais ligados ao universo das emoções e do sexual, remetem àquelas construções discursivas que representam o judeu como predador sexual das moças alemãs⁴ e a mulher como uma máquina de produzir arianos puros. Essa concepção de suástica como símbolo sexual é apresentada por Reich (2001, p. 94, grifos do autor) nos seguintes termos:

A suástica encontra-se com frequência associada a um losango, sendo a primeira um símbolo do princípio masculino, e o último, um símbolo do princípio feminino. Percy Gardner encontrou-a na Grécia, onde a designaram por Hemera e era o símbolo do Sol, representando, novamente, o princípio masculino. Löwenthal descreve uma suástica do século XIV, que ele encontrou na toalha do altar da igreja Maria zur Wiesa, em Soest; aí ela se encontra combinada com uma vulva e uma cruz de travessa dupla. Neste caso, a suástica é o símbolo do céu anunciando trovoadas, e o losango é o símbolo da terra fértil. [...] Lichtenberg encontrou suásticas com uma cabeça no lugar dos três pontos. A suástica é, portanto, originariamente um símbolo sexual. No decorrer dos tempos, assumiu vários significados, entre os quais, mais tarde, o de uma roda de moinho, símbolo do trabalho. Do ponto de vista emocional, trabalho e sexualidade eram, originariamente, a mesma coisa. Isso explica a inscrição na suástica descoberta por Bilmans e Pengeroths na mitra de São Tomás Becket, a qual remonta à época indo-germânica: “Salve, terra, mãe dos homens, cresce no abraço de Deus, cumulada de frutos em benefício dos homens”. Neste caso, a fertilidade é sexualmente representada como o ato sexual da Mãe Terra com Deus Pai. De acordo com Zelenin, os antigos lexicógrafos indianos chamam de suástica tanto a ereção como a volúpia, isto é, uma cruz com hastes recurvadas como o símbolo do instinto sexual.

O elemento sexual representado pela suástica disponibiliza sentidos que passam pela crescente propaganda antissemita que apresenta o judeu como um violador de moças alemãs, de maneira que é importante que as mulheres evitem o judeu sempre que possível para não serem vítimas dos seus desejos desregrados e instintos perversos, mas, sobretudo, não cometam o desatino de misturar o sangue entre as raças. A suástica, como símbolo sexual, produz, sobre a vida afetiva das mulheres, um efeito que contribui para a sujeição da mulher à ideologia nazista que a significa em muitos dos seus discursos como uma mera reprodutora cuja missão é repovoar a Alemanha por meio da gestação de arianos

⁴ Na propaganda antissemita que circulava no Terceiro Reich, sobretudo no jornal *Der Stürmer*, era comum representar o judeu como um violador das moças alemãs.

racionalmente puros e biologicamente saudáveis. Essa missão, da qual a mulher alemã foi incumbida, se encontra prevista no discurso proferido por Goebbels (s.d., p. 2) em 18 de março de 1933:

Recorte 1

SD1: O primeiro, melhor e mais adequado lugar para a mulher é na família, e seu dever mais glorioso é dar filhos ao seu povo e nação, filhos que possam continuar a linha das gerações e que garantam a imortalidade da nação. A mulher é a mestra da juventude e, portanto, a construtora da fundação do futuro. Se a família é a fonte de força da nação, a mulher é seu núcleo e centro. O melhor lugar para a mulher servir ao povo é no casamento, na família, na maternidade. Esta é a sua maior missão. Isso não significa que as mulheres que estão empregadas ou que não têm filhos não tenham nenhum papel na maternidade do povo alemão. Elas usam sua força, suas habilidades, seu senso de responsabilidade pela nação de outras maneiras. Estamos convencidos, no entanto, que a primeira tarefa de uma nação socialmente reformada deve ser dar novamente à mulher a possibilidade de cumprir sua verdadeira tarefa, sua missão na família e como mãe⁵.

O modo de representar o corpo da jovem no cartaz é atravessado por sentidos que se constituem na SD1, pois o enunciado imagético aparece “marcado pelo interdiscurso e por seu modo de funcionamento (o pré-construído) que atesta, por seu lado, a presença do inter (o já-dito) no intradiscurso, sendo este a sequência que se está efetivamente realizando.” (Orlandi, 2008, p. 50). No destaque dado aos traços germânicos que se manifestam na sua fisionomia e nos cabelos loiros, é possível entrever o discurso sobre a pureza e superioridade raciais que são garantidas mediante a política de eugenia que se desenvolve no Terceiro Reich, mas também pelo cumprimento do dever que cabe às mulheres: casar-se com homens arianos e dar filhos à Pátria. Na Alemanha nazista, há uma

⁵ Cf. citação no original: The first, best, and most suitable place for the woman is in the family, and her most glorious duty is to give children to her people and nation, children who can continue the line of generations and who guarantee the immortality of the nation. The woman is the teacher of the youth, and therefore the builder of the foundation of the future. If the family is the nation's source of strength, the woman is its core and center. The best place for the woman to serve people is in her marriage, in the family, in motherhood. This is her highest mission. That does not mean that those women who are employed or who have no children have no role in the motherhood of the German people. They use their strength, their abilities, their sense of responsibility for the nation, in other ways. We are convinced, however, that the first task of a socially reformed nation must be to again give the woman the possibility to fulfill her real task, her mission in the family and as a mother.

interdição política que se direciona duplamente ao desejo e ao corpo das mulheres, uma vez que elas não podem desejar homens pertencentes a uma outra etnia, como os judeus, nem dispor do seu corpo a seu bel-prazer, pois existe um controle estrito do corpo feminino para que atenda à expectativa do regime que é a geração de arianos puros, conforme enunciado na SD1. Por essa razão, esse corpo discursivizado no cartaz traz os traços desse discurso inscrito na representação da jovem que é o objeto da propaganda. O discurso de Goebbels faz retornar um discurso sobre a mulher que se encontra ancorado na concepção tradicional e patriarcalista do papel da mulher na sociedade. É dessa FD, qual seja, patriarcalista, que o discurso de Goebbels retoma sentidos que vão, por sua vez, constituir o modo de significar a mulher no cartaz da propaganda nazista. Ao retomar elementos do discurso de Goebbels, o sujeito também se filia a essa rede de memória, de maneira que sentidos sobre o papel da mulher, concebidos no interior da sociedade patriarcal, jogam na construção do discurso do sujeito. Considerando esse processo, é possível dizer com Pêcheux (2002, p. 54) que “é porque há essa ligação que as filiações históricas podem se organizar em memórias, e a relações sociais em redes de significantes”. Ao significar o corpo feminino, o sujeito mobiliza sentidos sobre o que é ser mulher que já estão postos e circulam em outros lugares discursivos e independentemente, de modo a produzir um efeito de pré-construído que é “o ‘sempre-já-lá’ da interpelação ideológica que fornece/impõe a realidade de seu sentido sob a forma da universalidade” (Indursky, 2013, p. 45).

Aquilo que se pode depreender da fala (SD1) do ministro da propaganda é a existência de uma espécie de economia sexual que visa o corpo da mulher – agora inserido numa nação socialmente reformada –, cujo discurso funda uma ruptura com um modo de ser mulher anterior a 1933. Esse discurso almeja preservar alguns avanços feitos durante a República de Weimar – como a presença da mulher no mercado de trabalho – mas, simultaneamente, retoma elementos do *status quo* da era imperialista que reservava às mulheres o papel estrito de mãe e doméstica.

Hitler (s.d., p. 266), em discurso endereçado às mulheres alemães, realizado em Nuremberg (1937), reitera aquele papel sublinhado por Goebbels acerca das tarefas específicas da mulher na sociedade alemã:

Recorte 2

SD1: Hoje batalhões de mulheres estavam se formando em países marxistas, e a isso só se podia responder: “Isso nunca vai acontecer aqui! Há coisas que um homem faz, e só ele é responsável por elas. Eu teria vergonha de ser um homem alemão se alguma vez, em caso de guerra, uma única mulher fosse obrigada a ir para o front”. A mulher tinha seu próprio campo de batalha. Com cada filho que ela deu à luz para a nação, ela estava travando sua batalha pela nação. O homem defende o *Volk* assim como a mulher defende a família. Os direitos iguais de uma mulher residem no fato de que ela é tratada com a alta consideração que merece nas áreas da vida que lhe são atribuídas pela natureza. As mulheres ainda respeitavam homens corajosos, ousados e determinados, e os homens sempre admiraram e se sentiram atraídos por mulheres femininas. Esses eram os dois opostos que se atraíam na vida. E se a sorte quisesse que essas duas pessoas se encontrassem, então a questão da igualdade de direitos tornava-se supérflua, pois já havia sido respondida pela natureza: não era mais direitos iguais, mas uma única unidade! Homem e mulher representavam duas naturezas intrinsecamente separadas. Nos homens, a razão era dominante. Mas mais sólido do que isso foi a emoção evidenciada nas mulheres⁶.

Nesse excerto do discurso de Adolf Hitler, os papéis sociais de homens e mulheres são definidos sob o viés da determinação natural que incumbe homens da defesa do povo e da Pátria e mulheres das tarefas relacionadas à maternidade. A desigualdade social, política e econômica, é apagada em favor da unidade natural que advém do encontro de uma natureza racional e uma natureza emotiva. A aparente dualidade entre os sexos é resolvida segundo uma concepção de homem e mulher naturalmente predispostos a se encaixar, de modo a formar uma unidade sem contradições e conflitos. Aquilo que é próprio

⁶ Cf. citação no original: Today women's battalions were being formed in Marxist countries, and to that one could only reply, "That will never happen here! There are things a man does, and he alone is responsible for them. I would be ashamed to be a German man if ever, in the event of war, but a single woman were made to go to the front." The woman had her own battlefield. With every child to which she gave birth for the nation, she was waging her battle for the nation. The man stands up for the Volk just as woman stands up for the family. A woman's equal rights lie in the fact that she is treated with the high regard she deserves in those areas of life assigned to her by nature. Women still respected brave, daring and determined men, and men had always admired and been attracted to feminine women. These were the two opposites which attracted each other in life. And if good fortune would have it that these two people find each other, then the question of equal rights became superfluous, for it had already been answered by nature: it was no longer equal rights, but a single unity! Man and woman represented two intrinsically separate natures. In men, reason was dominant. But more stable equal rights became superfluous, for it had already been answered by nature: it was no longer equal rights, but a single unity! Man and woman represented two intrinsically separate natures. In men, reason was dominant. But more stable than this was the emotion evidenced in women.

do político e do social em qualquer formação humana, como o conflito, a luta e a contradição, é dissolvido no discurso sobre a vocação natural dos papéis desde sempre distribuídos entre homens e mulheres. As relações interdiscursivas entre SD2 e o cartaz se estabelecem tanto no nível da imagem quanto no nível do enunciado verbal, pois ao enunciar *Bund Deutscher Mädel* na *Hitler Jugend*, o sujeito aponta para esse papel inferior e submisso que a organização feminina, cuja finalidade é formar boas mães e esposas, assume em relação à organização masculina que precede e supera a feminina porque o objetivo da JH é o *front* de guerra, lugar interditado às mulheres dada a sua condição emotiva e reservada aos homens por serem lógicos e racionais. Esses papéis, estritamente delimitados no Terceiro Reich, e definidos no discurso de Hitler, atravessam o discurso do sujeito naqueles elementos colocados no corpo da jovem representada no cartaz; elementos que dizem desse projeto que estabelece para as jovens alemãs uma formação para a maternidade. Assim, elementos do discurso-transverso, ou seja, do “discurso-outro enquanto presença virtual na materialidade descritível da sequência, marca, do interior desta materialidade, a insistência do outro como lei do espaço social e da memória histórica” (Pêcheux, 2002, p. 55).

Esse discurso, que entende o papel da mulher na sociedade como reprodutora e dedicada à maternidade, circula em cartazes e fotografias que são afixados nos murais ou publicados em revistas e jornais. Isso pode ser verificado nas figuras 1 e 2 que correspondem ao terceiro recorte discursivo. Na figura 1, relativa à capa da revista *Frauen Warte*⁷, temos no lado esquerdo, superior, a logomarca do partido e, no lado direito, superior, o enunciado *Frauen Warte – Die Einzige parteiamtliche frauenzeitschrift*. Ocupando quase toda a capa, temos uma mãe alemã, branca, usando um lenço na cabeça, que se encontra sentada e tem sobre seus joelhos duas crianças loiras (um menino e uma menina) e, atrás da mulher, um menino loiro, em pé, que toca levemente os ombros da mãe com suas mãos. Já na figura 2, que se trata de uma fotografia feita para a revista *SS-Leitheft*⁸, temos uma mãe loira, de pé, que troca olhar e sorriso afetuosos com o filho que se encontra de pé, trajando a farda da JH, e segura o braço esquerdo da mãe enquanto lhe

⁷ Cf. imagem em: <https://www.spiegel.de/geschichte/liebe-mutter-werde-hart-a-04d6acf3-0002-0001-0000-000165505525#bild-5ef723bd-0002-0004-0000-0000ed83d2ee>

⁸ Cf. imagem em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bundesarchiv_Bild_146-1973-010-31,_Mutter_mit_Kindern.jpg

responde com um sorriso largo. Também de pé, na frente da mãe, se encontra uma menina loira que olha em direção ao menino ao mesmo tempo que lhe sorri. Ao lado da mãe, uma criança loira se encontra sentada numa cerca, ao passo que a mãe a segura com o braço direito pela cintura. Nessas figuras, as mães, em seus aspectos emocionais, aparecem alegres e satisfeitas por estarem cumprindo seu papel de produtora dos novos arianos que construirão o império.

Na enunciação que se desenvolve no cartaz, acomodam-se sentidos sobre o que é ser mulher e qual o seu papel na sociedade concebida pelo regime nazista. Ao representar a mulher alemã como alguém que preza pela beleza física, cultiva uma estética do corpo e carrega as características que dizem de uma ariana legítima, o sujeito se apoia em formulações já feitas sobre a concepção de mulher construída no discurso do NSDAP. Nessa perspectiva, sentidos sobre o papel da mulher como procriadora e mantenedora da raça ariana – produzidos nas figuras 1 e 2 desse recorte – atravessam o processo discursivo que se desenvolve no cartaz da propaganda. Esse é um processo que vai ao encontro do que afirma Indursky (2013, p. 43, grifos da autora) ao comentar a noção de enunciado discursivo |E| no pensamento de Jean-Jacques Courtine:

Ao |E|, Courtine contrapõe a enunciação |e| que remete ao eixo horizontal, intradiscursivo. A enunciação consiste em uma sequência linguística uma das possíveis reformulações de |E|, a qual marca a presença de |E| no intradiscurso de uma sequência, ou seja, ela representa a presença material, no intradiscurso, de um elemento de saber oriundo de uma FD. Dito de outra forma: o interdiscurso é o lugar da formulação, da sequencialização dos elementos de saber oriundos de uma FD. É no intradiscurso que o desnivelamento interdiscursivo |E| é linearizado e colocado em uma superfície única de |e| articulada. É, pois, na articulação de |E| com |e| que o discurso se constitui.

É no intradiscurso, ou seja, no enunciado imagético e verbal formulados no cartaz que entra de viés o discurso-outro enquanto elemento de saber de uma ou mais FDs que tangencia(m) a FD na qual o sujeito se inscreve. Desse modo, na representação de uma jovem com traços de uma ariana pura, é possível identificar a presença dos discursos que, no espaço do Terceiro Reich, superestimam uma raça em detrimento de outras. Na sequencialização dos elementos de saber que constituem a FD dominante, atravessam discursos sobre o papel e o lugar social das mulheres no Terceiro Reich, bem como os

costumes e cuidados para com o corpo que as meninas devem incorporar para que possam, no futuro, ser boas esposas e mães. Na jovem esguia do cartaz, é possível identificar o discurso sobre a importância da atividade física – prioritária para as moças da BdM – tendo em vista a saúde e a procriação de arianos também saudáveis. E, nesse discurso, se encontra materializada a ideologia que concebe esses corpos apenas como um corpo-objeto banalizado, cuja aparência e condição de saúde importa mais do que todos os outros aspectos que definem essas jovens como pessoas capazes de potencializar suas múltiplas habilidades e modos de ser no mundo.

A representação da mulher no cartaz corresponde ao ideal de mulher ariana adequada ao Reich. A jovem, colocada em primeiro plano no cartaz, apresenta as seguintes características, segundo Wunderlich (2021, p. 64): “Neste projeto, Hohlwein novamente chama nossa atenção para o ideal feminino alemão, “ariana”: loira, jovem, atlética, ideologicamente firme, seu braço levantado em uma saudação amigável”. Essa representação que remete a um ideal de beleza produz, como efeito de sentido, a ideia de pureza racial decorrente da gestação de arianos puros. Assim como é natural o fato de homens e mulheres se conjugarem numa unidade sem contradições, deve ser também natural a beleza feminina. Desse modo, ela não deve ser o resultado de produtos químicos que interferem no que deve ser obtido apenas por meio de atividade física e atenção à alimentação. Sobre isso, Lower (2014, p. 37) comenta: “a ideologia do Volk tinha sua própria estética feminina. Segundo essa ideologia, a beleza era produto de uma dieta saudável e atletismo e não de cosméticos”. A concepção de corpo e beleza, como resultado de um processo natural que, por sua vez, não requer a intervenção de químicos, tem a ver com a ideia de “que as moças alemãs deveriam encarnar uma marca feminina de robustez e força” (LOWER, 2014, p. 41). Disso depreende-se que, para os nazistas, as mulheres eram importantes enquanto máquinas de produzir alemães racialmente puros e também como prestadora de serviços na indústria, liberando, assim, o marido para combater na guerra. Outras atividades valorizadas pelos nazistas compreendiam a enfermagem, a datilografia e o secretariado para trabalhar em escritórios ligados diretamente ao aparato da Segunda Guerra Mundial. Esse treinamento começava aos 10 anos de idade nas diversas atividades oferecidas pela JH que, por meio das aulas, leituras e exercícios físicos, transmitia uma ideologia que prezava por uma estética feminina que

excluía meninas muito magras e obesas, bem como intervenções externas, a saber: batom, maquiagem, tintura, depilação etc. É esse modelo ou ideal que passa a circular discursivamente entre os alemães do Terceiro Reich, conforme mostra a figura 3⁹, na qual moças da BdM realizam uma atividade física segundo uma disciplina militar – pois parecem marchar – imposta ao grupo. O discurso que funda um ideal de mulher para o Reich é atualizado na representação do gesto ativo e robusto da jovem que é objeto do discurso da propaganda de Goebbels.

Um cartaz do filme *Den blaa Engel* com Marlene Dietrich e Emil Jannings (figura 4¹⁰), dá-nos uma ideia da participação das mulheres na publicidade durante a República de Weimar. Essa participação é marcada pela experiência do corpo, da sensualidade e do desejo. Na figura, a grande atriz Marlene Dietrich aparece sentada fazendo um movimento que leva a perna direita ao encontro do abdômen, então ela dobra a perna com as duas mãos e isso faz com que o vestido deslize e deixe as pernas completamente à mostra. O vestido, sem mangas, deixa os braços visíveis, de maneira que, numa demonstração de ousada sensualidade, Marlene faz contrastar um título como *O anjo azul* com a imagem de uma mulher sem pudores. À época, exhibir o corpo, decidir sobre ele, cuidar do corpo a fim de se tornar atraente era não apenas um exercício de liberdade, mas igualmente político porque negava um regime de controle da sexualidade e punha em circulação outros sentidos sobre as mulheres em sua relação com a sexualidade. Isso, paulatinamente, passa a instaurar uma outra ordem social, assim como outra economia sexual, durante a República de Weimar.

O nacional-socialismo põe termo a esse movimento libertário e instaura outros sentidos sobre o papel da mulher na vida pública e privada. Nessa nova configuração política da Alemanha nazista, as mulheres são impedidas de inscrever seu discurso em toda e qualquer FD e, alienadas do seu próprio desejo, são obrigadas a silenciar e obedecer. Esse apagamento do papel das mulheres, da sua voz e do seu desejo, constitui o discurso produzido no cartaz, uma vez que a mulher que é construída nesse cartaz, embora passe a impressão de ser autônoma e engajada ativamente no processo político – evidência

⁹ Cf. imagem em: <https://www.deutschedigitalebibliothek.de/item/R6ZSDCZK7YNWRDP2N5ODZWRJOU3J5ZO?query=BDM&isThumbnailFiltered=true&rows=100&offset=300&viewType=list&hitNumber=3001>

¹⁰ Cf. imagem em: <https://picryl.com/media/den-blaa-engel-the-blue-angel-film-danish-poster-marlene-dietrich-emil-jannings-fddabb>

produzida pelo efeito ideológico – encontra-se destituída de vontade, liberdade e autonomia. Cabe a ela apenas o silêncio, a vontade resignada aos ditames da ideologia nazista e a obediência servil que a faz tão somente uma máquina que funciona em um único modo, considerado sublime e desejável ao Führer, que é aquele de dar filhos à nova Alemanha.

Considerações finais

O acontecimento discursivo que o Terceiro Reich inaugura também põe em circulação discursos e sentidos sobre a juventude. Nos cartazes produzidos sobre a organização Juventude Hitlerista, a ideologia nazista se materializa nos discursos que representam os jovens que fazem parte da ala da organização voltada para as meninas (*Bund deutscher Mädel*), bem como daquela voltada para os meninos (Hitlerjugend). Nesses cartazes, o sujeito, plenamente identificado com a FD que o interpela, destaca elementos raciais – como cor de pele e cabelo, bem como características fisionômicas e corporais – que já se encontravam significados em outros discursos, como os produzidos por Hitler e Goebbels. Em seu modo de funcionamento, o discurso sobre a juventude é atravessado por outros discursos vindos de outras FDs, e, nesse processo, temos a retomada acontecendo sob a forma do discurso-transverso. Mas o discurso do sujeito também assume outro mecanismo de retomada que é a que se dá sob o modo do encaixe sintático. Ao mobilizar esses dois modos de funcionamento da memória discursiva, o sujeito articula seu discurso a discursos-outros que também trazem o traço da racialidade. O investimento desse discurso, mais uma vez, é no corpo, mas não no corpo do líder, e sim no corpo racializado, no corpo que traz inscrito as marcas da raça superior segundo os discursos produzidos pelo *Führer* e o alto escalão do NSDAP.

No discurso sobre a juventude, ecos de outros discursos acerca dos papéis sociais previstos para meninos e meninas podem ser *escutados* no discurso do sujeito. Assim, o discurso sobre o papel das meninas na procriação de arianos puros e na consecução do projeto racial é retomado pelo sujeito e incorporado ao funcionamento discursivo do cartaz analisado neste texto. Investidos da ideologia racial que foi largamente produzida no partido nazista e nos escritos de Hitler e Goebbels, a produção desses discursos têm por função

interpelar os indivíduos em sujeitos capazes de realizar a política sexual, racial e demográfica da Alemanha e dos territórios conquistados. O discurso, assim, estabelece um padrão racial e uma meta – de modo particular, a ser atingida pelas mulheres – no que diz respeito à taxa de nascimentos no interior da *Lebensraum* (espaço vital), e também um policiamento das relações amorosas para que não ocorresse a mistura do sangue racial sob pena de fazer degingolar o projeto sublime, segundo os nazistas, de uma comunidade do povo construída sobre os princípios do sangue e do solo.

Referências

BARTOLETTI, Susan Campbell. **Juventude hitlerista**: a história dos meninos e meninas nazistas e a dos que resistiram. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

EVANS, Richard. **O Terceiro Reich no poder**. Campinas – SP: editora Crítica, 2017.

GOEBBELS, Joseph. **German Woman** (1933). German Propaganda Archive, Calvin University. Disponível em: <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/goeb55.htm>.

HITLER, Adolf. **Collection of speeches** (1922-1945). Disponível em: <https://www.nommeraadio.ee/meedia/pdf/RRS/Adolf%20Hitler%20%20Collection%20of%20Speeches%20-%201922-1945.pdf>.

INDURSKY, Freda. **A memória na cena do discurso**. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro; MITTMANN, Solange. Memória e história na/da Análise do Discurso. São Paulo: Mercado das Letras, 2011.

INDURSKY, Freda. **A fala dos quartéis e as outras vozes**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2013.

LOWER, Wendy. **As mulheres do nazismo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

ORLANDI, Eni. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. São Paulo: Pontes, 1999.

ORLANDI, Eni. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. São Paulo: Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni. **Terra à vista**: discurso do confronto: velho e novo mundo. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento. 3 ed. Campinas: Pontes, 2002.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: editora da UNICAMP, [1975] 2014.

PÊCHEUX, Michel. **A análise do discurso: três épocas**. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da UNICAMP, [1990] 2014.

PÊCHEUX, Michel. **Análise Automática do Discurso**. Campinas, SP: Pontes Editores, [1969] 2019.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de Massas do Fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WUNDERLICH, Silke. **Propaganda des Terrors**: plakate des NS-Staats zwischen 1933 und 1945. Berlin: Berlin Store Verlag, 2021.

Sobre o autor

Luciano Taveira de Azevedo

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6278-3336>

Licenciatura plena em Letras e especialização em Programação do Ensino da Língua Portuguesa pela Faculdade de Ciências, Educação e Tecnologia de Garanhuns (Universidade de Pernambuco-UPE). Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL. Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco. Leciona no Instituto Federal de Alagoas - IFAL. Tem experiência em Análise do Discurso de linha francesa, bem como se interessa por trabalhos desenvolvidos no âmbito da Linguística Aplicada.